

## **AS MÃOS DOS PRETOS DE HONWANA: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INFANTO- JUVENIL**

Hanna Gabrielle do Vale Almeida

Monica Fontenelle Carneiro

**Resumo:** O conto *As mãos dos Pretos*, de Luís Bernardo Honwana, é uma obra com forte presença das questões raciais de discriminação em uma narrativa que se efetiva na curiosidade de uma criança negra sobre “porque as palmas das mãos dos pretos são mais brancas que o resto do corpo”. A criança encontra seu questionamento respondido de forma racista perpetuada em seu próprio meio social. Este artigo pesquisa tem como metodologia uma pesquisa bibliográfica de análise documental qualitativa, apresentando reflexões sobre a importância do ambiente escolar infanto-juvenil no processo de desenvolvimento da criança em busca de suas identificações, já que o equilíbrio entre sua imagem interna e externa está associado ao reconhecimento e à aceitação. Em conjunto com a Lei nº 10.639/ 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e a Lei nº 8.069/ 1990 (Cap. II, art.17) que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e sobre sua inviolabilidade de integridade, o objetivo deste trabalho é analisar o papel da escola no processo de formação da identidade e refletir os desdobramentos da repercussão negativa de obras que contenham a representação estereotipada do negro. Em tempos de choques culturais e intolerância crescente quanto àqueles percebidos como “diferentes”, a escola recebe um papel fundamental e indispensável na formação da criança e seus modelos de efetivar discussões e consolidar identidade encontram-se em conjunto com a importância da família para construir uma sociedade menos repressora que possibilite à criança e ao adolescente reconhecer-se e reconhecer ao outro com respeito e igualdade.

**Palavras-Chave:** As mãos dos pretos; Discriminação; Identificações; Ideologias.

**Abstract:** The short story *As Mãos dos Pretos*, by Luís Bernardo Honwana, is a work with a strong presence of racial issues of discrimination in a narrative that is effective in the curiosity of a black child about “why the palms of blacks’ hands are whiter than the rest of the body”. The child finds his questioning answered in a racist way perpetuated in his own social environment. This research article has as its methodology a bibliographical research of qualitative documentary analysis, presenting reflections on the importance of the children's school environment in the child's development process in search of their identifications, since the balance between their internal and external image is associated with the recognition and acceptance. Together with Law No. 10,639/2003, which establishes the Guidelines and Bases of national education to include the mandatory theme "Afro-Brazilian History and Culture" in the official curriculum of the school system, and Law No. 8,069/1990 (Cap. II, art.17) which deals with the Statute of the Child and Adolescent and its inviolability of integrity, the objective of this work is to analyze the role of the school in the process of identity formation and to reflect on the consequences of the negative repercussion of works that contain the stereotypical representation of black people. In times of cultural shocks and growing intolerance towards those perceived as “different”, the school plays a fundamental and indispensable role in the formation of the child and its models of effecting discussions and consolidating

<sup>1</sup> Graduanda em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil. [hannagvalmeida@gmail.com](mailto:hannagvalmeida@gmail.com)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>Dra. Monica Fontenelle Carneiro.

identity are found together with the importance of the family to build a less repressive society that allows children and adolescents to recognize themselves and others with respect and equality. Keywords: Black's hands; Discrimination; Identifications; Ideologies.

## 1. INTRODUÇÃO

O personagem principal da obra *As mãos dos pretos* parece estar na fase dos porquês, que é o período do desenvolvimento humano no qual a criança surge com questionamentos acerca do mundo que a rodeia. Esses questionamentos são a base da formação de personalidade, autoestima, auto identificação e percepção de representatividade individual e coletiva. No entanto, essa fase parece ser bombardeada por ideologias (boas ou ruins) que moldarão o pensamento juvenil.

A criança, nessa fase, nem sempre terá respostas a todas as perguntas e, conseqüentemente, torna-se, geralmente, aos adultos já que para a criança esses são vistos como detentores do conhecimento e das verdades. Nesse momento, é normal que a criança busque as pessoas confiáveis à sua volta para questionar e buscar sua afirmação, absorvendo, assim, o que futuramente irá fundamentar sua personalidade, ideais e representação identitária individual e coletiva.

O ambiente em que a criança se encontra tem participação significativa na resolução desses questionamentos, tanto nas relações familiares, principalmente no que tange ao papel dos pais (no sentido de quem cuida e convive, podendo esse papel ser transferido a outro indivíduo), quanto nas da escola que tem o dever social de formar um indivíduo ativo nas relações coletivas, evitando levar seus questionamentos ao senso comum, para o que se faz necessário o reconhecimento da abrangência de significações e representações que evitem valorizações unilaterais. Segundo MARTINS (2009, p.94):

Advogamos o princípio segundo o qual a escola, independentemente da faixa etária que atenda, cumpra a função de transmitir conhecimentos, isto é, de ensinar como locus privilegiado de socialização para além das esferas cotidianas e dos limites inerentes à cultura do senso comum.

Portanto, este trabalho objetiva uma análise em torno das relações identitárias e culturais da criança e do adolescente bem como a participação da escola e da família no processo de sua formação e busca de afirmação, processo esse que visa a formas de tratar essas questões de maneira natural. Em conformidade com a Lei no 10.639/ 2003, que trata da valorização da história e cultura afro-brasileira, trabalhada em instituições de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares; e a Lei nº 8.069/ 1990 (Cap. II, art.17 do ECA), que dispõe que “ o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.”; que são evidentes tentativas de incluir e disseminar a valorização dessas questões, visto que a escola tem poder fundamental na reconfiguração de ideologias na sociedade.

## **2. ANÁLISE DO RACISMO NA OBRA**

O conto inicia-se com o narrador questionando as pessoas do seu meio social por qual razão as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do seu corpo. Primeiro, temos a explicação do Professor (representando a ciência e o saber): segundo ele, “...ainda há poucos séculos, os avós dele andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo”; o Padre (representando a religião) responde que “...isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar” ; Dona Dorcas (cujo nome nos remete ao período da escravidão) diz “que Deus fez-lhes as mãos mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa”, o senhor Antunes da Coca-Cola (cujo nome remete ao poder econômico e, conforme sua explicação, nota-se que a figura da “fabricação “ dos pretos é rebaixada e objetificada, pois aqui os pretos são feitos às pressas e fora da tradição bíblica, de maneira mais rústica) responde que “ Deus Nosso Senhor, Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros Santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e, para cozer o barro das criaturas, levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões.

E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois, então, se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia? ... “; o Sr. Frias (o nome faz jus à sua explicação e revela a imagem de um negro sujo que não quis lavar senão os pés e as mãos) diz que “Deus acabava de fazer os homens e mandava-os logo tomar banho num lago lá do céu. Depois do banho, as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada, e, a essa hora, a água do lago estava muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo”; Dona Estefânia (pragmática e segregacionista) responde que “só por as mãos deles desbotarem à força de tão lavadas”; a mãe do narrador (inteligente e didática) responde ao menino que “ Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho. Ele pensou que realmente tinha de os haver.... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas, como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituados a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes por que é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens... Que o que os homens fazem, é efeito por mãos iguais, mãos de pessoas que, se tiverem juízo, sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos”.

Pelas explicações de cada personagem, a partir de uma breve análise, é possível perceber sempre a inferiorização do negro, com explicações de acordo com a ideologia que paira em seu meio social a respeito de uma época não muito distante, tentando explicar e ainda justificar a discriminação tanto no quesito social quanto no espiritual.

Para Munanga (1988, p. 14-15):

Em cima dessa imagem, tenta-se mostrar todos os males do negro por um caminho: a Ciência. O fato de ser o branco foi assumido como condição humana normativa e o de ser negro necessitava de uma explicação científica. Uma primeira tentativa foi a de pensar o negro como um branco degenerado, caso de doença ou de desvio à norma.

Esses efeitos intencionais semióticos são percebidos nos nomes dos personagens que, predominantemente, parecem pertencer a uma realidade social diferente daquela dos negros (exceto a mãe que, apesar de não usar o termo “nós” para se referir aos negros,

é tem seu discurso percebido pessoal e de sabedoria para falar sobre sua própria situação sem se deixar contaminar pela ideologia ou pelos demais discursos, mostrando sua opinião a partir de si mesma, bem como suas reações que deixam clara a sua posição como alguém que sabe “o que muitos não sabem”, que entende o que para muitos estaria tão distante de sua realidade). O menino (anônimo, enfatizando a falta de identidade, como se não fosse ninguém) recorre aos personagens em busca de um saber, apesar de esses não parecerem ser negros, e terem um olhar de quem não sofre com isso, pois as falas são levadas em terceira pessoa, mostrando um distanciamento por parte de alguns personagens do discurso abordado que não remete a eles, mas ao grupo separado “dos negros” e é representado por pessoas que nem sequer se veem como tal. Além disso, a criança, tendo essas explicações como base para seu pensamento, percebe que a sua existência, juntamente com a dos pretos, é produzida por outros homens, segundo a vontade deles.

Segundo Woodward (2012), “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”. Essa afirmação reflete a capacidade de construção e reconfiguração das práticas sociais.

## **2.1 Identidade**

A identidade cultural do indivíduo torna-se moldável por aspectos exteriores e, no caso dessa obra, temos os personagens que fazem isso. Somente tais personagens, nas suas tentativas de explicar a cor das mãos dos pretos, conseguem destruir toda a sua identidade como povo singular.

Definidos como diferentes em relação à referência que os majoritários constituem, os minoritários reconhecem para si apenas uma diferença negativa. Também se pode ver o desenvolvimento entre eles dos fenômenos de desprezo por si mesmos. Estes fenômenos são frequentes entre os dominados e são levados a aceitação e à interiorização de uma imagem de si mesmos construída pelos outros. (CUCHE, 2012. P. 184)

A identidade pode ser configurada através da interação com o ambiente em que vivemos, podendo ser suscetível às mudanças. A autoimagem da criança é estabelecida pelo acolhimento de suas singularidades e o reconhecimento das diversidades, ajudando também a contribuir para a unidade coletiva na visão do “eu” e nas relações com “o outro”, contribuindo, assim, para a construção da personalidade ou personalismo na

perspectiva de Wallon. Os personagens do conto (exceto a mãe) colocam isso em prática, mesmo que, de maneira negativa, façam a criança aceitar o ambiente exterior, sem que haja a valorização de sua própria identidade e cultura.

Segundo Denys Cuche:

A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato [...]. A identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. (2012 p.182)

Familiares, colegas e professores são como espelhos por meio dos quais construímos, no decorrer da infância e adolescência, a maneira de nos vermos, portanto, a autoestima da criança é baseada nos olhares que direciona e recebe dos espelhos que encontra, envolvendo a capacidade de refletir sobre si próprio. A intensidade e continuidade desses olhares e sentimentos criam e transformam o ser humano e seus relacionamentos e, em sua caminhada, cada um é simultaneamente o observador e o observado, o juiz e o julgado, o avaliador e o avaliado. “[...] A visão que o jovem tem de si é como uma imagem composta por infinitos feixes de luzes, sombras e tonalidades, que só fazem sentido aos olhos daquele que a admira”. Simone de Assis e Joviana Avanci (2004, p. 15- 22).

“O autoconceito se refere à organização hierárquica e multidimensional de um conjunto de percepções de si mesmo. O conteúdo dessas percepções é tudo aquilo que o indivíduo reconhece como fazendo parte de si.” ( TAMAYO; CUNHA, 1981, p. 17).

## **2.2 A escola**

A literatura é um dos caminhos possíveis para inserir nos contextos escolares a História da África e dos Africanos na formação do Brasil. De acordo com a disposição da Lei nº 10.639/03 sobre a obrigatoriedade da inserção dessa temática na sala de aula, é possível aprimorar as percepções do meio que nos cerca e promover uma confirmação ou reconfiguração de ideias e valores.

A negativa do uso das obras literárias de outras produções (indígenas e africanas) vem com a falsa ideia de conhecimento dos lugares, tradições e cultura que muitos autores passam para os livros, sem a preocupação com a veracidade dos detalhes passados que muitas vezes não condizem com a realidade. A representação estereotipada do negro

também é marcante, presente nas atividades que o personagem exerce ou nos cargos que ocupa. Porém, quando é notada uma valorização do negro, isso acontece referente à sua contribuição tradicional (cultural, culinária, religiosa) e menos em relação às contribuições tecnológicas, ainda enraizando, em uma sociedade tecnológica sua inferioridade quanto aos padrões e necessidades atuais frente à globalização. Quantas vezes não nos deparamos com um livro que descreve a tradição africana de maneira errada? Quantos autores foram verídicos ao descrever a África em toda sua amplitude, sem sem análises equivocadas e antiquadas? Bem, muitos desses problemas ainda precisam ser analisados e resolvidos, mas a capacidade da literatura deve ser explorada e utilizada para fins maiores de maneira adequada.

De acordo com Manguineau (1995), “Não é o que está em volta da obra, mas, sim, as referências de mundo que ela traz, o que vem com o texto”. A partir disso, é possível compreender que uma obra literária pode ser uma grande aliada na inclusão e reconhecimento da diversidade e importância da cultura e identidade de um povo.

Na sala de aula, o ensino da literatura deve compreender os contextos de produção e circulação. É imprescindível estar atento aos detalhes textuais e suas referências semióticas que compõem todo o verdadeiro significado e importância do discurso. “Os significados produzidos pelas representações tornam possível a produção de sentidos sobre as nossas experiências e sobre aquilo que somos, estabelecendo identidades individuais e coletivas”. (Woordward, 2012 *apud* Menezes, 2014, p.70)

A escolha das obras deve ser pertinente ao professor para melhor valorizar e possibilitar uma ligação e leitura significativa na construção de ideias que prepare os alunos para discutir sobre as relações étnico-raciais ou para que, de forma gradual e natural, os preconceitos sejam vencidos dentro da escola com a promoção de debates, com o contato com o outro e com a negação de discursos que não mais se enquadram na sociedade. Com base nas ideias de Bakhtin e Volochinov (2004):

O livro, isto é, o ato da fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas de comunicação. O livro decorre, portanto, da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p.123).

A abordagem errada sobre as questões identitárias pode levar a criança ou o adolescente a se ver em uma identidade negativa, vergonhosa, que não se adequa ao meio ou que é desvalorizada socialmente, criando um reflexo de sua abstração em todo seu futuro profissional ou pessoal, sem encontrar um lugar para si, podendo até mesmo negar seu próprio reconhecimento.

“O conteúdo emocional da vergonha consiste [...] em uma espécie de rebaixamento do sentimento do próprio valor; o sujeito que se envergonha de si mesmo na experiência do rechaço de sua ação, sabe-se como alguém de valor social menor do que havia suposto previamente [...]” (HONNETH, Axel. *A Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Tradução de Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Editora 34, 2003. p. 222).

A escola, por excelência, configura-se como um ambiente neutro, longe de preconceitos e influenciador da inclusão em todos os âmbitos. De acordo com a Lei nº 8.069/ 1990 (Cap. II, art.17 do ECA), que dispõe sobre a necessidade de inviolabilidade da integridade moral da criança e que abrange a preservação da imagem, identidade e autonomia, o ambiente escolar é encarregado de dar aos alunos a possibilidade de analisar suas identidades étnicas, criticar ideologias sociais que os subjugam e não os representam, produzir conhecimento fundado na abrangência de verdades baseadas na pesquisa e na busca indiscriminada e construir sentimento de solidariedade em torno dos princípios da liberdade, da prática social e da democracia.

Para Rocha (2008, p. 57),

Esse redimensionamento da perspectiva causou, evidentemente, uma enorme inquietação no meio educacional, uma vez que a Lei obriga a introdução de novos conteúdos e uma nova perspectiva. A prática docente e a formação inicial e continuada de professores e, por conseguinte, o currículo exige revisão de modo a adequarem-se às demandas legais e à satisfação da orientação pela inclusão – tônica da política educacional brasileira dos últimos anos.

Para que isso seja possível, a prática pedagógica deve propor: a construção (com a promoção de ambiente favorável para a produção do conhecimento por parte do aluno para buscar, compartilhar e analisar a informação sobre a variedade cultural e as desigualdades, ajudando o aluno a ser ativo na construção de seu conhecimento), participação (desenvolvendo atividades democráticas em sala de aula, que incluam a voz e a escolha dos alunos); a crítica (envolvendo situações-problema que necessite da discussão de valores culturais conflitantes e investigação das relações culturais de domínio e marginalização promovidas pelo próprio ensino da história, inclusive); e, por fim, o ativismo social (incentivo a tomadas de posição e ações sociais).



A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra. (CANIVEZ, 1991, p.33 apud PENIN; VIEIRA; 2002, p.32-33)

Na obra de Honwana, é possível identificar o papel da afetividade em viabilizar a satisfação do narrador sobre sua pergunta, visto que, quando a mãe responde ao menino, a criança ainda sem entender bem, foge para o quintal para jogar bola. Os impactos psicológicos que a família tem sobre a formação da criança são reforçados por Françoise Dolto (*apud* GARBAR ; THEODORE, 2000, p. 36, *apud* ASSIS, 2004, p. 34): “é onde as crianças descobrem o amor e o ódio, onde elas podem esperar receber simpatia e tolerância, mas também exasperação”.

De acordo com Henry Wallon (*apud* DE LA TAILLE, OLIVEIRA e DANTAS 1992) “a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”. Para ele, a afetividade está sempre presente em todos os momentos e circunstâncias de nossas ações, é inerente ao homem, é “fundamentalmente social” e “constitui também uma conduta com profundas raízes na vida orgânica”. (DANTAS, 1992, p.85).

Nesse caso, ocorre a junção de dois elementos que fundamentam e movem o processo educacional e de autoimagem: o vínculo afetivo e o papel da mãe como detentora do conhecimento. Essa afetividade entre os dois personagens e a reação de empatia presente na resposta da mãe causam, no menino, a sensação de preenchimento de que ele precisava, e, então, toma espaço para ele o sentimento da mãe no momento da fala que se inicia com um sorriso e, ao final, quando o menino fala de suas impressões sobre o fato de ela estar chorando de tanto rir, mais uma vez é possível perceber o contraste entre chorando e sorrindo que evidencia em uma reflexão mais profunda, o sentimento da mãe sobre as marcas que o questionamento do filho traziam à tona. Ou seja, ela estava a chorar por todas as respostas que o menino recebeu, mas a criança em sua inocência não percebe e continua a falar, achando que a mãe estava a chorar de tanto sorrir). Momentos frágeis como esse são constantes na vida da criança e, de forma fragmentada, entre uma conversa e um jogo de bola, como mostrado no conto, as impressões da criança são absorvidas.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O artigo buscou articular discussões sobre a discriminação racial, levando em conta a formação da identidade e o papel da escola e das obras literárias frente à importância dos assuntos relativos à cultura e história africana, às identidades e seus espelhos sociais. Parte, dessa forma, da necessidade de formação profissional e social sobre educação e diversidade, com o objetivo de diminuir a disseminação da discriminação e confluir ideias sobre a formação da criança e do adolescente, e o ensino das disciplinas.

A literatura africana e afro-brasileira, a partir da obrigatoriedade das leis citadas, tem condições de não só construir, nos indivíduos, conceitos, mas também desmitificar os preconceitos pregados por séculos, principalmente quando nos deparamos com uma sociedade majoritariamente afrodescendente, possibilitando mudanças significativas. Com isso, a obra de Luís Bernardo Honwana retoma a problemática social ainda impregnada nos discursos e demarca, em uma narrativa carregada de interpretações, a reação de um menino negro que, em plena formação de identidade e busca de afirmação, persegue seu questionamento, enquanto as respostas não o satisfazem até que sua mãe consegue contê-lo com uma resposta inteligente e marcada de representatividade para que a criança não seja influenciada pela ideologia da época, que propiciaria a geração de conflito com a formação pessoal do garoto.

Os discursos dos personagens encontram-se com as bases da busca de conhecimento de uma criança, demonstrando a importância do meio social do garoto com a imagem do professor como o primeiro a discutir o fato das mãos dos pretos serem mais claras que o resto do seu corpo e a da mãe como última, levantando a simbologia dos detentores do conhecimento para a criança. Portanto, é perceptível que, em tempos de choques culturais e intolerância crescente quanto àqueles percebidos como “diferentes”, a escola recebe um papel fundamental e indispensável na formação da criança e seus modelos de efetivar discussões e consolidar identidade encontram-se em conjunto com a importância da família para construir uma sociedade menos repressora que possibilite à criança e ao adolescente reconhecer-se e reconhecer ao outro com respeito e igualdade.

### **REFERÊNCIAS**

\_\_\_\_\_. A Afetividade e a Construção do Sujeito na Psicogenética de Wallon. In: DE LA TAILLE, Yves De; OLIVEIRA, Marta Kool de; DANTAS, Heloisa. Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo - SP: Summus, 1992.

ASSIS, SG., and AVANCI, JQ. Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Criança, Mulher e Saúde collection. 208 p.

BASTOS, Alice Beatriz Izique; DÉR, Leila Christina Simões. Estágio do personalismo. **Henri Wallon: psicologia e educação**, v. 9, 2000.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1993.

BRAGANÇA, Albertino *et al.* **Contos Africanos**: dos países de língua portuguesa. 1. Ed. São Paulo: Ed. Ática, 2009.

BRASIL. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm) > ACESSO EM: 03 MAR. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2004.

BRASIL.< [http://www.planalto.gov.br/CCivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Leis/L8069.htm) ACESSO EM: 03 MAR. 2023.

CALVET, Louis-Jean. Tradição oral e tradição escrita. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CANIVEZ, Patrice. Educar o cidadão? Campinas: Papirus, 1991.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2002.

GONÇALVES MARTINS, Catarina Xavier. A literatura como brinquedo e a formação da criança-leitora. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v. 6, n. 2, p. 468-475, nov. 2012.

MARTINS, Lígia Márcia. O ensino e o desenvolvimento da criança de zero a três anos. In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (Orgs). **Ensinando aos pequenos de zero a três anos**. Campinas – SP: Editora Alínea, 2009, p. 93 a 121.

MENEZES, Vitor. Identidade e processos de identificação: um apanhado teórico. **Revista INTRATEXTOS**, v. 6, n. 1, 2014.

MOREIRA, A. multiculturalismo, currículo e formação de professores. In: MOREIRA, A. **Currículo, políticas e práticas**. Campinas: Papirus, 1999.

PARREIRAS, Nínia. **A África na literatura para crianças**: por uma estética do cabelo. 2011< <http://www.buala.org/pt/a-ler/a-africa-na-literatura-para-criancas-por-uma-estetica-do-cabelo->>. Acesso em: 15 out. 2020.

PINTO, Regina Pahim. **Movimento negro e educação do negro**: A ênfase na identidade. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 86, p. 25- 38, ago. 1993.

SILVEIRA, Oliveira. **Cadernos negros** – os melhores poemas. São Paulo: Quilombo hoje, 2008.

WALLON, H. (1941). A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 2007.